

Museo della Canapa e a musealização da paisagem cultural de Sant'Anatolia di Narco – Itália

Museo della Canapa and the musealization of the cultural landscape of Sant'Anatolia di Narco – Italy

Adilson Giglioli*, Dirceu Piccinato Junior**

*Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai, Brasil, adilsongiglioli@gmail.com

** ATITUS Educação, Brasil, dirceu.piccinato@atitus.edu.br

usjt
arq.urb

número 37 | maio - ago de 2023

Recebido: 24/04/2023

Aceito: 24/07/2023

DOI: [10.37916/arq.urb.vi37.659](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi37.659)



Palavras-chave:

Ecomuseu.
Patrimônio
Cultural.
Identidade.

Keywords:

Ecomuseum.
Cultural heritage.
Identity.

Resumo

Desde o seu surgimento na Europa, em meados de 1960, os ecomuseus vêm se consolidando como um símbolo de identidade e transformações territoriais e comunitárias, tendo como principal missão o resgate da relação entre o território, o patrimônio material e imaterial e a comunidade. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o caso do *Museo della Canapa*, um ecomuseu desenvolvido com o propósito de resgate e valorização da paisagem cultural de *Sant'Anatolia di Narco*, uma pequena vila medieval localizada na província da Úmbria, região central da Itália. Para o desenvolvimento deste estudo, além de revisitar as referências bibliográficas acerca de ecomuseu e paisagem cultural, foi realizada uma viagem de estudos para pesquisa de campo junto ao ecomuseu supracitado. A partir dos dados coletados durante a pesquisa e do desenvolvimento deste estudo, pode-se perceber que, com base em resgates da história local, associado a releituras contemporâneas, que consideram o patrimônio material e imaterial, heranças, memórias e saberes, é possível redescobrir o próprio patrimônio cultural. Um patrimônio até então percebido a partir de uma perspectiva saudosista, adaptando-o às novas expectativas e necessidades da comunidade local, que voltam a incorporar esses traços culturais em seu cotidiano, por meio de ferramentas sociais que contribuem para a transformação e o desenvolvimento das comunidades locais.

Abstract

Since their emergence in Europe in the mid-1960s, ecomuseums have been consolidating themselves as a symbol of identity and territorial and community transformations, having as their main mission the rescue of the relationship between the territory, the material and immaterial heritage and the community. In this sense, this article aims to analyze the case of the *Museo della Canapa*, an ecomuseum developed with the purpose of rescuing and enhancing the cultural landscape of *Sant'Anatolia di Narco*, a small medieval village located in the province of Umbria, central Italy. For the development of this study, in addition to revisiting the bibliographic references on ecomuseum and cultural landscape, a study trip was carried out for field research at the aforementioned ecomuseum. From the data collected during the research and development of this study, it can be seen that, based on rescues of local history, associated with contemporary rereadings, which consider material and immaterial heritage, legacies, memories and knowledge, it is possible to rediscover cultural heritage itself. Cultural heritage until then considered as a mere nostalgia, adapting it to the new expectations and needs of the local community, which again incorporate these cultural traits into their daily lives, through social tools that contribute to the transformation and development of local communities.

Introdução

Conservar as paisagens culturais é um dos desafios mais complexos com que se depara a área do patrimônio atualmente. Se a conceituação de paisagens culturais já se mostra uma tarefa difícil, a dificuldade se aprofunda quando se passa para a formulação de estratégias para o tratamento dessa categoria especial de patrimônio (CASTRIOTA, 2013).

Para Castriota (2013), a significação e a autenticidade dessas paisagens envolvem também elementos que se relacionam com a dimensão imaterial do patrimônio, dependendo, frequentemente, da continuidade e da vitalidade de sistemas tradicionais de cultura e de produção que criaram, ao longo do tempo, padrões característicos de uso da terra e um sentido único de lugar.

Tendo como um dos objetivos e desafios a musealização da paisagem cultural, por volta de 1960 uma nova concepção de museu começou a ser idealizada, o chamado ecomuseu (RIVIÈRE, 1983). Desde sua origem, os ecomuseus preocupam-se com a guarda de objetos, salvaguarda e proteção de paisagens culturais em seus diversos formatos, características e pluralidades. O ecomuseu como metodologia importa-se com o patrimônio material e imaterial, o saber-fazer, mas sobretudo com os detentores dessas heranças, memórias, saberes e histórias: as pessoas, grupos sociais ou comunidades. São os agentes locais o principal fator de salvaguarda para os ecomuseus, ou seja, os indivíduos.

Nessa concepção, de forma ideal, formula-se o projeto de um museu horizontal em que toda a comunidade constitui um ecomuseu, onde não existem visitantes, mas sim habitantes. A essência do ecomuseu não reside na exposição, mas na participação. O ponto central desse novo projeto não está no objeto, mas no indivíduo (SOARES; SCHNEIDER, 2009, p.7).

Dentro das concepções de um ecomuseu, além de revisitar o passado através das memórias, registrando os saberes, a cultura e o território, há a necessidade de tornar contemporâneas todas as dimensões patrimoniais. Sendo assim, acompanhar as mudanças de paisagem e as transformações sociais atuais torna-se parte das preocupações e objetivos do movimento ecomuseológico. O ponto-chave do ecomuseu é propor espaços de diálogo entre gerações, possibilitando a construção de novas memórias a partir das registradas.

Castriota (2013) argumenta que a velocidade e o alcance das mudanças sociais têm implicação direta e significativa na gestão do patrimônio cultural e incluem a fragmentação e as mudanças de paisagens culturais, a perda de mercados e produtos tradicionais, formas e saberes vernaculares, entre outros. Nesse sentido, compreender as paisagens culturais é, em grande parte dos casos, despojar-se de um olhar histórico e contextualizar passado e contemporaneidade expressos numa determinada região ou recorte territorial.

Para demonstrar as possibilidades e os desafios de musealizar a paisagem cultural, tomar-se-á como referência o caso do *Museo della Canapa*, ecomuseu localizado na província da Úmbria, Itália, que tem como objetivo revisitar o passado através de um olhar atento às interações pessoais, naturais, materiais, imateriais, culturais e patrimoniais.

O tratamento metodológico adotado para o desenvolvimento deste artigo consistiu primeiramente em uma abordagem bibliográfica e conceitual acerca de dois conceitos pertinentes para a pesquisa: paisagem cultural e ecomuseu. Realizou-se também uma busca por definições, sob a ótica de diferentes autores, com foco no entrelaçamento entre os dois conceitos, buscando a compreensão das relações intrínsecas entre eles.

Além do aporte bibliográfico para a compreensão do conceito de ecomuseu, realizou-se uma pesquisa de campo em que, mediante uma viagem internacional de estudos, realizada no ano de 2019, pôde-se vivenciar na prática o cotidiano do *Museo della Canapa*, localizado em *Sant'Anatolia di Narco*, Úmbria, Itália. Durante a pesquisa de campo, foram elaborados diários de bordo nos quais foram anotadas as informações relevantes para o estudo, dados obtidos com as observações e em entrevistas com os administradores do ecomuseu, com a comunidade e com os pesquisadores envolvidos com a instituição. A pesquisa de campo ainda contou com um levantamento fotográfico, entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, assim como a participação em um seminário local, no município de *Paciano*/Itália, em que o tema da museologia e a maneira de salvaguardar e transmitir o saber-fazer das comunidades locais foi debatido.

Com o presente texto pretende-se contribuir para a ampliação das discussões sobre projetos e ações que visem ao registro e à documentação de forma integrada, segundo a metodologia proposta pelo movimento dos ecomuseus, tema ainda pouco

abordado nas pesquisas científicas no Brasil. Acredita-se na importância deste tipo de pesquisa tendo em vista a escassez de trabalhos que vislumbram a análise acerca dos ecomuseus, considerando suas escalas, interfaces e dimensões, destacando o território, sua complexidade e sua comunidade, que juntos, conformam a paisagem cultural de *Sant'Anatolia di Narco*.

Este estudo é recorte de uma dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade ATITUS Educação, tendo como escopo principal o estudo do ecomuseu como ferramenta de valorização patrimonial e desenvolvimento local. A pesquisa contou com o apoio da rede de pesquisadores da Escola de Especialização em *Demoetnoantropologici dell'Università degli Studi di Perugia*, Itália, viabilizando a pesquisa de campo junto aos ecomuseus locais.

Conhecendo a paisagem – Sant'Anatolia di Narco

Sant'Anatolia di Narco é uma pequena *comuna* (município), que integra a província da Úmbria, região central da Itália, distante 67,10 quilômetros de Perugia, capital da província, e 140 quilômetros da capital italiana, Roma. Segundo consta no site oficial da *Comune* (prefeitura), seu nome se originou da combinação de Santa Anatolia (virgem e mártir da região de Tora), e Narco, sobrenome de um nobre francês que construiu o Castelo San Felice. A cidade foi habitada primeiramente pelos sabinos e posteriormente pelos romanos, mas sua aparência atual data do final da Idade Média. Atualmente, *Sant'Anatolia di Narco* possui cerca de 650 habitantes e estende-se por uma área de 47 km² (Figura 1).

A principal característica histórica desta pequena cidade, que a destacou regionalmente, foi sua tradição no cultivo do linho cânhamo e os produtos feitos a partir dele. Segundo Giampaoli (2016), o saber-fazer do cultivo e do fiar o cânhamo era encontrado na maior parte das famílias locais. Os trabalhos feitos à mão, em grandes teares, dominavam os estúbulos ou alguma sala da casa, caso a família tivesse uma residência suficientemente grande, ou, então, salas de uso comum, ocupadas alternadamente pelas mulheres da aldeia.



Figura 1. Vista aérea da vila de *Sant'Anatolia di Narco*. Fonte: *Comune Sant'Anatolia di Narco*, s/d

O cultivo e a manufatura, com destaque para a tecelagem do cânhamo, eram atividades que ocupavam toda a família ao longo do ano. A fibra extraída da planta era utilizada para a produção de cordas, essenciais para as diversas atividades agrícolas, redes de pesca, mas, sobretudo, para a produção de tecidos para embalagem de roupas, sacos para cereais, roupas para os diversos membros da família, assim como para o enxoval das filhas, quando o casamento se aproximava (GIAMPAOLI, 2016).

Em sua obra *“Le quattro stagioni e i dodici mesi”*, Rina Gatti (2004) refere-se ao cultivo do cânhamo pelas famílias camponesas como uma tradição, uma preocupação e até mesmo uma demonstração de afeto; a maior riqueza, mesmo de uma mãe pobre, era saber cultivar, fiar e tecer o enxoval da filha:

Se repentinamente nascia alguma menina na casa, a quantidade de cânhamo semeada deveria aumentar. Riqueza, de fato, para uma família camponesa significava saber cultivar e fiar o cânhamo e, dessa forma, até as mães mais pobres

poderiam garantir um enxoval para as filhas (GATTI, 2044 p. 13, tradução livre dos autores)¹.

Entretanto, com o decorrer do tempo, esse cenário passou por transformações. Como afirma Giampaoli (2016), foi possível identificar o desaparecimento do cânhamo já a partir de meados dos anos 1950. Uma série de fatores contribuíram para que, de várias maneiras, a Itália, maior produtora mundial de cânhamo, praticamente perdesse a memória do cultivo de cânhamo e dos produtos dele derivados. A autora justifica esse fato apresentando alguns dados relevantes acerca do fenômeno acima citado, destacando a queda significativa de produção, cultivo e exportação de cânhamo no período do pós-guerra, que passou de 1.086.000 quintais produzidos na Itália em 1938, para 100.687 quintais em 1952.

Mas quais seriam as razões desse declínio? Por que o cânhamo desapareceu dos campos italianos e os “fios de ouro” de outrora não foram mais usados para fazer aqueles tecidos tão procurados nas décadas anteriores? A Itália saiu da Segunda Guerra Mundial com o desejo de se recuperar e de voltar a ser competitiva no mercado internacional. A sociedade que enfrentava as novas décadas queria inovar, sair da cinza da guerra e se abrir para o que o mercado oferecia. O passado foi ficando para trás, o campo foi abandonado pelo sonho de trabalhar na fábrica e na cidade. As mulheres entraram ainda mais no mercado de trabalho, a moda começou a ficar barata graças aos grandes armazéns, as fibras sintéticas começaram a invadir o mercado têxtil italiano. Analisando todos esses fatores, começa-se a entender o porquê do declínio do cânhamo já em 1953 (GIAMPAOLI, 2016).

Nesse contexto, pode-se notar que as dimensões política e econômica foram fatores determinantes para as mudanças que aconteceram na paisagem regional, incluindo a de *Sant'Anatolia di Narco*. Assim, o cultivo e o saber-fazer do cânhamo foi silenciado e pouco a pouco esquecido na memória da comunidade rural italiana, tornando-se apenas uma singular lembrança, principalmente para os mais antigos.

Uma Lembrança da época em que a família se reunia para tecer os fios, época em que os filhos não precisavam sair de casa para trabalhar na cidade.

Durante entrevistas realizadas na pesquisa de campo, uma das entrevistas² relatou que, movidos pelo interesse em não deixar que o cânhamo fosse apenas uma saudosa memória, em meados de 1990, orientados por um antropólogo, um grupo de moradores de *Sant'Anatolia di Narco* acreditou que era necessário (re)memorizar, salvaguardar e transmitir para as novas e futuras gerações a identidade, as histórias, o legado cultural do saber-fazer do cânhamo e, principalmente, proporcionar a construção de novas memórias.

A partir do entusiasmo da comunidade local, deu-se início ao trabalho de pesquisa e estruturação do atual *Museo della Canapa*. Nessa perspectiva, é notório que essa instituição ecomuseológica surgiu e foi pensada a partir da comunidade, ou seja, os atores locais, interessados em proteger a paisagem cultural, movimentaram-se em torno desse objetivo comum, fundando um ecomuseu. Importante ressaltar que esta é uma das principais características e legados que esse movimento social valoriza: a participação social como agente ativo em todo o processo museológico.

O Museo della Canapa

Tendo como intuito criar um espaço para a valorização do passado da comunidade, mas que não se restringisse apenas a um local de cultivo à memória, o ecomuseu foi estruturado como um centro que, acima de tudo, oportunizasse criar novas memórias, novas histórias, ressignificando a identidade cultural.

Após um período de trabalho de campo, estudos etnográficos, pesquisas e levantamentos, finalmente o objetivo daquele grupo foi alcançado e, assim, se conformou em um ecomuseu, inicialmente chamado de *Museo della Valnerina*. Idealizaram um espaço de encontro, troca de práticas e transmissão de saberes, onde o projeto têxtil, ponto de apoio da experiência de ensino, criaria oportunidades de diálogo entre gerações.

¹“Se di recente era nata qualche femmina in casa, la quantità di canapa seminata doveva aumentare. La ricchezza, infatti, per una famiglia contadina era sapere come coltivare e filare la canapa e in questo modo anche le mamme più povere potevano assicurare un corredo alle proprie figlie” (GATTI, 2004 p.13).

²A fim de manter o sigilo, o nome das pessoas que participaram das entrevistas será preservado.

Em 2008, após discussões com as equipes diretivas, o ecomuseu passou a ser denominado de *Museo della Canapa*. Atualmente o Museu do Cânhamo adere ao "Sistema regional de museus - Salvaguarda e aprimoramento do patrimônio cultural conectado", de acordo com a Lei Regional de 22 de dezembro de 2003, nº 24. O Museu é uma das antenas do Ecomuseu do Cume dos Apeninos da Úmbria, reconhecido no sistema regional dos Ecomuseus desde 2011. Essa rede de ecomuseus, juntamente com a *Comune* local, é responsável por repasses e auxílio financeiro ao Museu do Cânhamo.

Uma das questões pujantes durante a vivência junto ao ecomuseu era a de compreender o porquê de terem adotado as metodologias de um ecomuseu para sua idealização. Um dos entrevistados, que atua junto ao ecomuseu, explicou que, para se recontar um saber-fazer ou uma tradição, deve-se necessariamente fazê-lo mediante um movimento etnográfico, uma vez que, quem conta a tradição, seja oral ou prática, são, sobretudo, as pessoas locais. Essas pessoas, apesar de resgatarem memórias individuais ou coletivas, reconstróem a história do território, das características de uma comunidade, o que não se enquadraria em uma museologia "tradicional".

Durante a entrevista, pontuou-se ainda que o museu nasceu por intermédio da comunidade e assim se mantém desde então. Atualmente, os encargos burocráticos ficam sob responsabilidade de uma equipe administrativa, mas, de maneira geral, a sociedade local contribui socialmente para a manutenção do ecomuseu. Como exemplo disso, evidencia-se a coleção que está exposta em uma das sedes do ecomuseu, que foi constituída, em sua maior parte, a partir de doações de objetos que as pessoas locais possuíam em suas casas, como tecidos, antigos enxovais feitos em linho cânhamo e objetos que eram utilizados no preparo dos fios ou na colheita (Figuras 2, 3 e 4).

Outro aspecto abordado durante a pesquisa, especialmente durante as conversas com a equipe técnica e administrativa da instituição, refere-se à relação entre tradição, inovação e tecnologia que o ecomuseu mantém. Nesse sentido, a equipe diretiva do ecomuseu afirmou que são mantidas parcerias com diversas instituições de ensino locais e universidades próximas.



Figura 2. Espaço de exposição do ecomuseu. Nele são expostos uma série de itens, grande parte doados por membros da comunidade local. Fonte: Autores, 2019.



Figura 3. Equipamento utilizado em um dos primeiros processos de tratamento do cânhamo, servia para quebrar as fibras. Este objeto, assim como os demais, foi doado ao ecomuseu por um morador local. Ao fundo da foto é possível ver um feixe de cânhamo. Fonte: Autores, 2019.

Segundo a equipe diretiva, o ecomuseu, além de ensinar sobre a produção têxtil de forma artesanal e de acordo com a tradição local, realiza pesquisas para melhoria e inovação na produção de tecidos a partir da matéria-prima. Conjuntamente, a instituição fomenta as pesquisas de uso do cânhamo para outros fins, como sua aplicação na construção civil, confecções de objetos, cosméticos e até seu uso na gastronomia, com a produção de óleos e cervejas (Figuras 5, 6, 7 e 8).

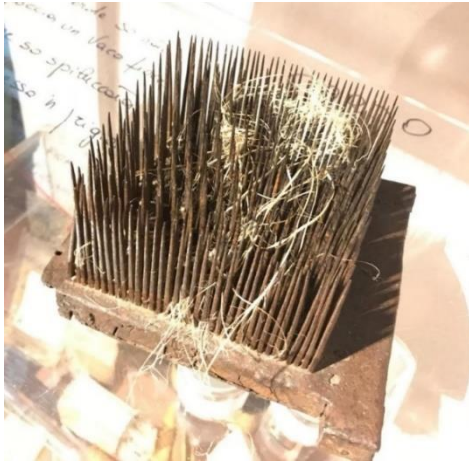


Figura 4. Este outro equipamento, que também foi doado pela comunidade, era utilizado para separar as fibras e alisar os primeiros fios, que posteriormente seriam utilizados para diversas finalidades. As fibras mais grossas eram destinadas à produção de cordas e sacas, já as fibras mais finas eram utilizadas para a produção dos tecidos. Fonte: Autores, 2019.



Figura 6. Produtos desenvolvidos a partir do cânhamo. Além dos tecidos utilizados para as embalagens, também foram testados e criados produtos de higiene pessoal. Fonte: Autores, 2019.



Figura 5. Espaço destinado à oficina de tecelagem, onde são realizadas oficinas de tear juntamente com a comunidade. Essas oficinas são ministradas por artesãs locais para os mais diversos públicos, como crianças, jovens, adultos e visitantes. Fonte: Autores, 2019.



Figura 7. Exposição de diversos produtos concebidos a partir de novos estudos e pesquisas relacionados ao cânhamo. Esse aspecto de inovação é um importante fator pelo qual se consolida o ecomuseu junto à comunidade. Fonte: Autores, 2019.



Figura 8. Violino desenvolvido com a utilização de partículas de cânhamo e resina.
Fonte: Autores, 2019.

Hoje as possibilidades de utilizar o cânhamo na gastronomia, por exemplo, faz surgir o interesse pelo desenvolvimento de alimentos e bebidas tendo o cânhamo como matéria-prima. Uma vez reaplicada a cultura do cânhamo no mundo contemporâneo, em parceria com instituições de pesquisas, surgem novas possibilidades que podem envolver um número maior de pessoas na comunidade, instigando principalmente os mais jovens a se dedicarem a novas propostas, podendo, além disso, incentivar estudos e até mesmo contribuir para o surgimento de microempresas, as quais eventualmente poderiam criar postos de trabalho, proporcionando crescimento e desenvolvimento local.

Entre os objetos que fazem parte da exposição, é possível observar uma grande quantidade de itens que podem ser derivados do cânhamo. Como exemplo, pode-se citar uma das sedes do ecomuseu, o Ateliê Têxtil, onde são realizadas as oficinas de tear. O espaço foi idealizado em uma edificação que estava em desuso. Para receber as novas funções, o espaço destinado ao ateliê teve sua estrutura restaurada e, nesse processo, foi utilizado o cânhamo como material construtivo. A fibra do cânhamo foi quebrada em pequenas partículas e serviu como um agregado na argamassa utilizada para o reboco das paredes, uma vez que esse material havia sido testado e foram comprovadas as suas propriedades termoacústicas a partir de ensaios técnicos junto à *Università degli Studi di Perugia* (Figura 9).



Figura 9. Revestimento das paredes da oficina de tear que possui em sua composição pequenos pedaços de cânhamo. Fonte: Autores, 2019.

Atualmente, o ateliê de tecelagem é umas das oficinas que mais atrai visitantes (Figura 10). Neste laboratório, são desenvolvidas atividades de transmissão do conhecimento sobre a arte de tecer, que vai desde o funcionamento e montagem do tear,

o cálculo da urdidura³, os reforços básicos, até as variantes, de maneira prática, oferecendo ao praticante uma compreensão completa sobre o saber-fazer, ampliando seu conhecimento, expandindo sua criatividade e possibilitando que ele tenha domínio sobre a sua trama.



Figura 10. Sala do Ateliê de Tecelagem. Neste espaço são desenvolvidas as atividades de transmissão do saber-fazer da tecelagem. Fonte: Autores, 2019.

Durante a pesquisa de campo, ficou evidente a proposta e a preocupação do ecomuseu com a preservação das características e da cultura local, do seu patrimônio material, imaterial e as tradições relacionadas com o ciclo do cânhamo, bem como

o desenvolvimento local. Quanto a esse aspecto, uma das entrevistadas apontou que houve mudanças positivas no território e avanços significativos quanto ao desenvolvimento social e cultural. Destacou que a comunidade ganhou um impulso criativo, autonomia e autoconfiança. As parcerias com as universidades locais ampliaram o campo das pesquisas, aplicações e possibilidades a partir do cânhamo.

Formado por iniciativa da comunidade e administrado em parceria com a administração pública, o *Museo della Canapa* é responsável por envolver, em um mesmo local e com o mesmo objetivo, pessoas com diferentes funções, formações, características, mas que dedicam, integral ou parcialmente, seus recursos a essa instituição. Esse formato de concepção permite a união entre essas perspectivas, impulsionando e possibilitando o trabalho coletivo e multidisciplinar. Para Parbuono (2019), a “fusão” entre administração, pessoas localmente ativas, pesquisadores e artesãos promove um equilíbrio entre as dimensões sociais, profissionais e econômicas.

A partir do momento em que a comunidade local se movimenta a fim de recontar a sua própria história, a paisagem cultural local se consolida como o cenário desse enredo. Especialmente no caso estudado, a proximidade da cultura e do saber-fazer local com a agricultura aproxima ainda mais a paisagem natural e as relações humanas que aconteceram ao longo dos anos no território.

Relembrando que a paisagem cultural é compreendida como o ambiente natural somado às ações humanas ao longo do tempo, entende-se que o ecomuseu abordado contribuiu para o registro e a salvaguarda tanto da paisagem como do que acontecia nela, seja socialmente, culturalmente ou em relação ao trabalho.

Além do resgate e da valorização da memória e da historiografia local, o ecomuseu contribuiu para a criação de novas histórias e memórias. Permite que o contemporâneo seja registrado e faça parte desse acervo, mas, acima de tudo, se consolide como um agente que contribua para as mudanças, de modo geral positivas, já que acontecem atualmente na paisagem cultural que a instituição abrange.

Nas suas ações de salvaguarda, o *Museo della Canapa* procura “redescobrir” o patrimônio cultural associado à atividade de cultivo e tecelagem do linho cânhamo sem

³Ação de tecer fios entrelaçados. Conjunto de fios de mesmo comprimento reunidos paralelamente no tear, por entre os quais se faz a trama.

que isso signifique um retorno a um passado estático. Em vez disso, busca construir uma experiência museológica, de modo reflexivo, reproduzir atividades tradicionais de vida e trabalho da sua comunidade e criar estratégias inovadoras para impulsionar a economia da região.

Considerações Finais

A partir do estudo de caso do *Museo della Canapa*, pode-se compreender que esse projeto se propõe a salvaguardar o patrimônio imaterial – as práticas, os conhecimentos, a memória, o saber-fazer, assim como as técnicas tradicionais relativas ao cultivo e à manufatura do cânhamo. Sendo essa cultura agrícola responsável pela mais significativa característica local, pode-se afirmar que esse ecomuseu contribuiu para a conservação e a fundamentação da paisagem cultural de *Sant'Anatolia di Narco*.

Diante do exposto, parece-nos possível ponderar que, ao se propor estratégias integradas de intervenção, de maneira multidisciplinar e holística, combinando diversos aspectos sociais e culturais, podem-se constituir respostas eficazes ao complexo desafio da conservação e musealização da paisagem cultural.

A riqueza dessa proposta museal não se dá apenas pelo inventariamento da paisagem, mas, acima de tudo, pelo bem estruturado plano de salvaguarda e transmissão do conhecimento. Para além da paisagem cultural e da herança agrícola, o ecomuseu contribuiu para a revitalização urbana da pequena aldeia local. Após a instalação do ecomuseu, o núcleo urbano passou por revitalizações, não somente dos edifícios históricos que abrigam as oficinas e a administração museal, mas a dimensão comunitária foi revitalizada.

A cidade se reorganizou para receber novos visitantes, houve o fomento aos negócios locais, abrindo novas perspectivas, novas possibilidades de empreendimentos em pequena escala, assim como oferecendo, sobretudo a muitos jovens, a possibilidade de vislumbrar um futuro na pequena comunidade, não sendo obrigados necessariamente a buscar oportunidades em centros urbanos maiores.

Cabe destacar que o sucesso do ecomuseu é fruto de uma longa pesquisa etnográfica, antropológica, de gestão e planejamento que envolveu a comunidade local, instituições de ensino por meio de pesquisa e extensão, e poder público local, num entrelaçamento harmônico e – por que não dizer? – inédito, relacionado à temática

de planejamento e desenvolvimento local, visando à preservação da paisagem e do patrimônio cultural.

Outro ponto relevante refere-se à abrangência do ecomuseu. Não devemos nos limitar à ideia de que, por estar situado em uma aldeia de aproximadamente 650 habitantes e ainda preservar os traços do período medieval, seja apenas um ecomuseu local. Esse projeto museal consolida-se em uma perspectiva de desenvolvimento que mantém vínculos globais, ancorados pelas iniciativas de conexão entre tradição e tecnologia.

Sendo assim, avalia-se como fundamental para a vitalidade do ecomuseu a sua preocupação em tornar contemporâneo o conhecimento, aplicando novas funcionalidades e finalidades àquele conhecimento que, há praticamente um século, se resumia a fiar cordas e tecidos. Fica clara a relação de sucesso e vitalidade entre ecomuseu e instituições de ensino superior.

Pode-se argumentar que *Sant'Anatolia di Narco*, com o *Museo della Canapa*, tornou-se um expressivo laboratório de estudos e de desenvolvimento cultural e educacional em sintonia com a preservação, a manutenção e a sustentabilidade do cenário local.

Com base na pesquisa realizada, podemos reafirmar que a proposta museológica apresentada - construída a partir dos conceitos e da filosofia dos ecomuseus e da sociomuseologia -, comprova as possibilidades oferecidas pela leitura holística da paisagem cultural. Neste sentido, a compreensão da geografia, da riqueza histórica, da tradição e do saber-fazer local pode se consolidar como uma importante ferramenta de preservação da paisagem, promovendo desenvolvimento social, coesão territorial, e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

Referências

BELLAIGUE, Mathilde. Territorialité, Mémoire et Développement. In: **Symposium Museum - territory - society**: New tendencies/new practices. London: ICOM, 1983.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 162.02, Vitruvius, nov. 2013 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>> Acesso em: 15 dez. 2021.

COMUNE di Sant'Anatolia di Narco. Disponível em: <<https://comune.santanatoliadinarco.pg.it/contenuti/46886/sant-anatolia>> Acesso em: 27 set. 2020.

GATTI, Rina. **Le quattro stagioni e i dodici mesi**. Edizioni Thyrus, 2004. p. 176

GIAMPAOLI, Glenda. Tessile e Canapa tra etnografia e contemporaneità. In: BOGLIARI, Lazzaro; CONCEZZI, Luciano (org.). **Atti del Convegno Cosinterra 2016: colture da fibra, fibre animais, plantas tintórias, plantas oficiais**. Perugia: 3Apta, 2016. Cap. 2. p. 17-24.

IPHAN. **Portaria nº 127**, de 30 de abril de 2009. Disponível em: < https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-127-2009_214271.html> Acesso em: 03 jul. 2021.

LIMA, Ricardo Gomes *et al.* As especificidades dos ambientes insulares: meio ambiente e cultura - estudo de caso do ecomuseu Ilha Grande - UERJ. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 11-18, 2010.

NÓR, Soraya. **Paisagem e lugar como referências culturais Ribeirão da Ilha - Florianópolis**. 2010. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PARBUONO, Daniele. "TrasiMemo" Memory Bank of Trasimeno Area. Working together to create development perspectives. **Revista de Arquitetura IMED**, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 23-44, abr. 2019. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/arqimed/article/view/2998>. Acesso em: 26 ago. 2021. doi: <https://doi.org/10.18256/2318-1109.2018.v7i2.2998>.

RIVIÈRE, Georges Henri. Définition évolutive de l'écomusée. **Ecomusée informations de la Communauté Le Creusot Montceau les Mines**, Le Creusot, n. 8, p.1, 1983.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012. p. 181-218.

SOARES, B. C.; SCHNEIDER, T. C. A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios 'comuns': um ensaio sobre a casa. p.2469-2489. In: FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo (org.) E-book do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **A responsabilidade social da ciência da Informação**. João Pessoa: Ideia/Editora, 2009.